



DIAGNÓSTICO DE DESEMPENHO ESCOLAR: ALGUMAS PERCEPÇÕES SOBRE O SEU USO COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

<https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/826>

DIAGNÓSTICO DEL RENDIMIENTO ESCOLAR: ALGUNAS PERCEPCIONES SOBRE SU USO COMO HERRAMIENTA DE EVALUACIÓN PSICOPEDAGÓGICA

Jessik Karem Custódio Pereira - Secretaria Municipal de Educação de Alto Alegre (<https://orcid.org/0000-0003-0354-8728>)

Verônica Soares Santos - Secretaria de Educação do Estado de Roraima (<http://lattes.cnpq.br/3330811736647891>)

Josimara Cristina de Carvalho Oliveira (<https://orcid.org/0000-0002-4902-0892>)

Marilene Kreutz de Oliveira - Universidade Estadual de Roraima/UERR (<http://lattes.cnpq.br/5682058602655046>)

RESUMO: A avaliação das funções psíquicas é um campo da neuropsicologia capaz de diagnosticar e intervir em diferentes transtornos mentais. Neste estudo aponta-se a necessidade de avaliar o uso do Teste de Desempenho Escolar (TDE) na etapa diagnóstica de Transtornos de Aprendizagem. O TDE é um instrumento de aplicação individual capaz de avaliar o desempenho escolar na leitura, escrita e aritmética, do Ensino Fundamental. Para este fim, quatro estudantes regularmente matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Alto Alegre-RR, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, sem diagnóstico prévio de nenhum tipo de Transtorno Mental, foram submetidos ao teste e seus resultados foram analisados à luz da teoria socioconstrutivista, no primeiro semestre de 2017. Os resultados da pesquisa buscaram responder se a ferramenta é capaz de auxiliar no diagnóstico de Transtornos de Aprendizagem. Essa pesquisa qualitativa caracterizou-se como descritiva e participante. A coleta dos dados ocorreu mediante a aplicação do Teste de Desempenho Escolar e da observação sistemática. Os resultados encontrados sugerem que esta ferramenta seria melhor aproveitada pelos profissionais da educação especial no próprio ambiente escolar, mediante orientação prévia de um profissional de psicologia educacional, uma vez que a mesma não costuma ser usada por professores de outras áreas. O TDE é o único teste validado e normatizado para a população brasileira atualmente, e deve ser visto como um instrumento que compõem de forma valorativa a práxis do professor.

Palavras-chave: Aprendizagem, Diagnóstico, Transtornos de aprendizagem, Desempenho escolar.

RESUMEN: La evaluación de las funciones psíquicas es un campo de neuropsicología capaz de diagnosticar e intervenir en diferentes trastornos mentales. Este estudio señala la necesidad de evaluar el uso de la Prueba de rendimiento escolar (TDE) en la etapa de diagnóstico de los trastornos del aprendizaje. El TDE es un instrumento de aplicación individual capaz de evaluar el rendimiento escolar en lectura, escritura y aritmética, en la escuela primaria. Con este fin, cuatro estudiantes matriculados regularmente en el sexto año de la escuela primaria en una escuela pública en la ciudad de Alto Alegre-RR, dos hombres y dos mujeres, sin diagnóstico previo de ningún tipo de trastorno mental, fueron sometidos a La prueba y sus resultados se analizaron a la luz de la teoría socio-constructivista, en el primer semestre de 2017. Los resultados de la investigación buscaron responder si la herramienta puede ayudar en el diagnóstico de los trastornos del aprendizaje. Esta investigación cualitativa se caracterizó como descriptiva y participativa. La recopilación de datos se produjo mediante la aplicación de la Prueba de rendimiento escolar y la observación sistemática. Los resultados encontrados sugieren que esta herramienta sería mejor utilizada por los profesionales de la educación en el entorno escolar, con la orientación previa de un profesional de psicología educativa, ya que generalmente no es utilizada por los maestros en otras áreas. El TDE es la única prueba validada y estandarizada para la población brasileña en la actualidad, y debe verse como un instrumento que constituye la praxis del maestro de una manera valiosa.

Palabras clave: Aprendizaje, Diagnóstico, Trastornos del Aprendizaje, El rendimiento escolar.

INTRODUÇÃO

Historicamente encontrar um conceito único de aprendizagem tem sido um desafio para os pesquisadores do assunto, mas Rotta e Pedroso (2006) e Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016, p.4) trazem uma definição ampla e de fácil compreensão sobre como podemos observar cientificamente esse aspecto da natureza humana, afirmando se tratar de “um processo que se cumpre no Sistema Nervoso Central (SNC) em que se produzem modificações mais ou menos permanentes, que se traduzem por uma modificação funcional ou de conduta, permitindo uma melhor adaptação do indivíduo ao seu meio[...]”. Assim podemos compreender que a aprendizagem possui relação direta com a estrutura biológica do organismo humano e resulta das suas interações com o meio e consigo mesmo.

Se continuarmos a leitura destes mesmos autores veremos que o uso da palavra normal está atrelado ao desenvolvimento humano desejado, e para a psicologia não é trabalho fácil explicar o que é normal considerando o longo caminho percorrido pela ciência para explicar o quão volúvel a natureza humana pode ser, logo nossa leitura se concentrará preferencialmente aos aspectos psicológicos que estão aliados ao Sistema Nervoso Central (SNC). É no Sistema Nervoso Central que um transtorno na organização funcional ocorre e como consequência os transtornos de aprendizagem aparecem, mesmo que em grau leve. Apesar de inteligência, visão, audição, coordenação motora e evidente equilíbrio emocional adequados, é possível encontrar estudantes com dificuldades de aprender que manifestem desajustes em algum dos seguintes campos: “dificuldades motoras ou psicomotoras, de atenção, memorização, compreensão, desinteresse, escassa participação e problemas de comportamento.” de acordo com Paula et al. (2006, p.226). E são nesses desajustes que se faz necessário intervir para diminuir os impactos negativos que os transtornos podem acarretar.

Avaliar a inteligência por meio de ferramentas tem sido um dos campos de interesse da psicologia, podendo concebê-la sob dois vieses o da psicometria e o da cognição, sendo que neste segundo viés temos ainda a subdivisão psicogenética e a sociocognitiva. Nesta última podemos nos debruçar sobre os conceitos de aprendizagem do ponto de vista teórico de Vygotsky (1998), percebendo a ação de mediador

que comumente se apresenta na aprendizagem, nos fazendo entender o papel de plasticidade cognitiva das crianças (Funayama, 2008).

Quando consideramos que esse mesmo sistema nervoso encontra-se em constante desenvolvimento percebemos que o momento de intervir nas dificuldades que a criança possa apresentar é o mais cedo possível para encontrar a melhor condição de otimizar a qualidade de vida da própria criança ao longo de seu desenvolvimento. Essa concepção não dá enfoque ao quantitativo, ou seja, não estamos priorizando em quanto tempo uma criança com Transtornos de Aprendizagem Específico consegue terminar uma avaliação na escola, mas sim na qualidade da resposta que esta criança é capaz de apresentar ao longo do processo de aprendizagem que esta adquire, este pensamento expõe a importância da aprendizagem de modo qualitativo e não quantitativo e mecanizado como alguns teóricos propõem (Funayama, 2008; Luria, 1980).

Temos encontrado um número cada vez mais crescente de casos de Transtornos de Aprendizagem (TAs) e/ou Dificuldades de Aprendizagem Específica (D.A.E.) de acordo com o Censo da Educação Básica (2020), esse aumento foi de 34,4% quando comparados os anos de 2015 com 2019. O que nos leva a buscar por entender como e quando esses mesmos casos começaram a surgir, na massificação de informações sobre como identificar casos de Mau Desempenho Escolar (MDE), quais as preocupações mais latentes daqueles que buscam por ajuda profissional no enfrentamento ao seu problema e por fim, porque Transtornos de Aprendizagem são vistos como problema na sociedade atual. Mais importante que entender, temos a oportunidade de ressignificar os conceitos negativos que comumente são aplicados aos estudantes com TAs, o que afeta diretamente na visão que o próprio indivíduo tem de si mesmo quanto as suas dificuldades de aprender, bem como avaliar ferramentas potenciais de diagnóstico dos TAs.

Propomos que o leitor conceba o Teste de Desempenho Escolar (TDE) dentro da abordagem cognitivista, lançando seus fundamentos na teoria sócioconstrutivista, já que o instrumento é um tipo de avaliação dinâmica que compreende ajuda durante a situação de avaliação, pois durante sua aplicação o avaliador possibilita que orientações e suporte ocorram de forma temporária e que estarão ajustadas ao desempenho que a criança avaliada

apresentará em cada etapa (Funayama, 2008).

Neste artigo os conteúdos foram organizados de modo que o leitor inicie entendendo que desde o princípio da criação dos sistemas de educação, a sociedade busca elencar regras de conduta amplamente aceitas em espaços de socialização coletiva e individual. E são essas regras que direcionam as diversas profissões sobre comportamentos assertivos e não assertivos, a fim de criar critérios para diagnósticos específicos, moldando assim a sociedade que queremos ter. Mas as perguntas que surgem nesse caminhar social é: estamos fazendo isso do jeito certo? Como podemos saber que o método, ou a(s) ferramenta(s) utilizado(s) são as mais adequadas?

Este trabalho não é uma proposta epistemológica de responder com exatidão as perguntas acima, mas é um caminho que possibilita, por meio da linguagem, ao leitor refletir sobre sua práxis e por si decidir se o caminho que escolheu está lhe trazendo os resultados esperados. Apresentamos aqui uma análise sobre o que é considerado Desempenho Escolar (D.E.) e suas implicações para a construção da sociedade na qual estamos inseridos. Funayama (2008) afirma que os profissionais que atuam na verificação do estado de saúde de crianças devem estar atentos a alterações de ordem física e emocional bem como preparado para avaliar a proporção dessas mesmas alterações na dificuldade que a criança venha a apresentar, e é nesse sentido que as pesquisas em neuropsicologia estão alinhadas.

Utilizar ferramentas eficazes no processo de diagnóstico pode ser uma tarefa difícil quando falamos em Transtornos de Aprendizagem, Funayama (2008) afirma que compreender o diagnóstico é o passo inicial para estabelecer um bom manejo da dificuldade da criança. Vamos lembrar também que o caminho percorrido pelos pais e/ou responsáveis pela criança até a etapa de fechamento de diagnóstico é longo e pode ser frustrante, pois a medicalização ainda é a terapêutica mais buscada, logo o papel do profissional de neuropsicologia também é o de acolher a família da criança na sua angústia e auxiliá-los na compreensão de que o remédio poderá ser não apenas o farmacológico, mas também a própria relação estabelecida entre família e profissionais que atuarão no problema (se é que a dificuldade de aprendizagem realmente deva ser chamada assim) que seu filho, aluno ou

criança apresenta.

Assim, estudos como os de Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004), buscam entender a dinâmica do Teste de Desempenho Escolar e sua eficácia no uso cotidiano escolar. Iniciando sua análise sobre o que é desempenho escolar e o que a educação formal considera como preditores das dificuldades de aprendizagem.

OS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

Quando estudamos sobre Transtornos de Aprendizagem, nos deparamos com um número razoável de pesquisas realizadas por diferentes áreas do saber, legitimando a necessidade de se aprofundar no tema em questão, já que a sociedade atual se ampara nos processos educacionais para a sua solidificação e por consequência nos sistemas de ensino organizados em cada território. Os estudos de A. Capovilla, Gutschow e F. Capovilla (2004, p.22) afirmam ser “possível prevenir distúrbios de leitura e escrita por meio do desenvolvimento precoce das habilidades pré-requisito para a alfabetização [...] sendo essas habilidades a aritmética, memória fonológica, vocabulário, consciência fonológica e seqüenciamento”, desta feita cabe então que os profissionais da educação elaborem sequencias didáticas capazes de estimular positivamente a prevenção dos distúrbios apontados.

Para entendermos melhor os Transtornos de Aprendizagem podemos adotar o relato de Fletcher et al. (2009, p.23) em que afirmam que é possível categorizar os Transtornos de Aprendizagem em sete áreas:

- 1) Compreensão da escuta (linguagem receptiva);
- 2) expressão oral (linguagem expressiva);
- 3) habilidades básicas de leitura (decodificação e reconhecimento de palavras);
- 4) compreensão leitora;
- 5) expressão escrita;
- 6) cálculos matemáticos;
- 7) raciocínio matemático.

Os TAs podem aparecer de forma individualizada como também concomitante e podem apresentar ainda alterações negativas nas habilidades sociais, assim como o aparecimento de transtornos emocionais e de atenção (Fletcher et al., 2009).

Um outro conceito adotado para Transtornos de Aprendizagem é a de Cunha e

Capellini (2011, p.90):

O transtorno de aprendizagem é definido como uma categoria de problemas que engloba alguns transtornos nos quais as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde as primeiras etapas do desenvolvimento⁴⁹. O transtorno de aprendizagem se caracteriza pelo desempenho substancialmente abaixo do esperado para a idade, escolarização e nível de inteligência nas áreas de leitura, expressão escrita e matemática.

Mas precisamos lembrar que as dificuldades de aprendizagem fazem parte do processo de desenvolvimento de qualquer ser humano, não devendo ser generalizada e tão pouco utilizada como justificativa para medicalização do indivíduo, conforme podemos observar em Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004, p.81):

É muito comum que escolares enfrentem problemas de ordens diversas nos primeiros anos de escolarização; existe neste período uma gama de fatores de ordem interna e externa, tanto próprios do indivíduo, quanto da escola ou do seu ambiente, capazes de interferir na aprendizagem e constituírem obstáculos à integração do pensar, sentir, falar, ouvir e agir.

Considerado então como parte do processo de desenvolvimento humano, chegamos à conclusão de que todos os indivíduos em algum momento da vida sentirão dificuldade em aprender algo, essa inferência nos leva a buscar novas formas de ensinar, assim passamos então a considerar não só a aprendizagem como ponto importante do processo educacional, mas também, o ensino passa a ser visto como pilar nesse sistema. Os autores Zorzi e Ciasca (2008, p.322) assim como Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004) esclarecem que as dificuldades de aprendizagem se manifestam com maior frequência nas séries iniciais¹ do sistema educacional brasileiro, já que é quando geralmente a criança é inserida num ambiente com o qual até então não tinha contato, havendo a necessidade de adaptação por parte deste estudante, e que nas etapas posteriores essas dificuldades tendem a ser superadas, pois a “apropriação do sistema de escrita é um processo evolutivo no qual o aprendiz vai elaborando hipóteses ou ideias a respeito do que é a escrita [...] Isso significa que não se aprende a escrever de

imediatamente e que ‘erros’ estão implícitos em tal processo”.

Fletcher et al., (2009), Santos Filho (2009) e Zorzi e Ciasca (2008) afirmam que no processo de diagnóstico dos TAs, foi observado que estes se apresentam ao longo de um *continuum* de gravidade, tal afirmação nos esclarece que uma única situação vivenciada por estudantes com TAs não será suficiente para a confirmação de seu diagnóstico nem tão pouco um número de critérios clínicos deverá ser objeto suficiente para diagnóstico, tendo que investigar o mesmo ao longo de um período, já que existem influências biológicas, psicológicas e sociais que afetam o estudante, isto se torna esclarecedor a medida em que também pensamos em outros transtornos médicos cuja a base diagnóstica igualmente está amparada num continuum, como a obesidade ou a hipertensão.

Outro aspecto apontado pela literatura é da influência que os pais, em especial as mães, possuem no processo de estimular uma melhora no desempenho das crianças em relação aos estudos. Observaram que a taxa de sucesso é maior conforme o próprio grau de escolaridade materna. Considerando que a participação das mulheres no processo educacional da criança ainda é mais latente que o do pai. Cabe salientar ainda que as “rotinas de estudo, de alimentação, de lazer e de sono da criança devem ser bem observadas” e as atividades relacionadas aos estudos devem ser consideradas como algo natural dentro desta rotina, para que não seja vista como punição (Capellini, Tonelotto e Ciasca, 2004, p.99).

Mas ainda que as dificuldades de aprendizagem sejam superadas por um considerável número de estudantes das séries iniciais quando estiverem em etapas posteriores, há que se pensar em como identificar, como avaliar as dificuldades apresentadas por aqueles que não conseguiram se adaptar ao sistema no qual estão inseridos para que uma nova proposta de ensino possa ser apresentada a estes. E é com esta preocupação que autores como Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004), avaliaram o Teste de Desempenho Escolar (TDE).

¹ Atualmente o sistema de educação brasileiro passou a adotar a nomenclatura Anos Iniciais e não mais Séries Iniciais, tendo em vista a criação da Base Nacional Comum Curricular adotada.

O USO DE TESTES NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Porque avaliamos? Quando avaliamos temos a oportunidade de refletir sobre os valores que estamos construindo. E pensar em avaliação no âmbito educacional possibilita que educadores observem os avanços e as dificuldades que seus discentes venham a apresentar, independentemente da forma escolhida por eles para avaliar, essa noção de construção de valores serve de mola propulsora para que diferentes educadores busquem adequar suas metodologias no espaço escolar para potencializar a aprendizagem de seus discentes (Knijnik, Giacomoni e Stein, 2013).

A escolha de ferramentas para auxiliar estes educadores sobre a melhor forma de avaliar o desempenho escolar tem sido um obstáculo quando nos deparamos com a realidade da educação no Brasil, isso porque segundo Knijnik, Giacomoni e Stein (2013) existe uma carência de instrumentos cientificamente validados que se adequem a essa realidade vivenciada nas diferentes regiões do país, existindo até então, apenas o Teste de Desempenho Escolar (TDE) que busca avaliar de forma abrangente o desempenho escolar dos sujeitos.

Assim surge uma preocupação entre os educadores e os profissionais que de forma indireta lidam com a avaliação de escolares, pois de nada adianta estudar os TAs e entender a sua dinâmica no âmbito escolar se não se buscar estudar as ferramentas e a sua aplicabilidade nesses espaços. Por mais bem intencionado que seja o profissional da educação, suas ações apenas ganharão eficiência neste âmbito se estiverem amparadas por critérios científicos e necessariamente ampliada através da comunicação entre os diversos educadores, caso contrário, estaremos apenas criando um grupo de minorias que carecem de amparo legal para atender as suas necessidades, os ditos estudantes das salas de atendimento educacional especializado (AEE). Considerando este nosso ponto de partida, buscaremos analisar a efetividade do uso do Teste de Desempenho Escolar, considerado um instrumento não privativo do profissional de psicologia, podendo ser utilizado por diferentes profissionais dentro do contexto educacional. Seu uso no campo da psicologia serve de auxílio para fundamentar a prática do profissional (Fletcher et al., 2009).

Ainda não é possível encontrar no mercado a disponibilidade de uma ferramenta única capaz

de predizer se aquele estudante avaliado possui Transtorno de Aprendizagem, Fletcher et al. (2009) se preocupam em esclarecer que o termo TAs é muito vago e que por este motivo, há que se estabelecer a qual dos TAs estamos falando, quando nos propomos a realizar pesquisas utilizando os critérios científicos que irão garantir a confiabilidade nos resultados encontrados.

Estudos como os de Silva Lúcio e Vieira Pinheiro (2014) reportam que revisar periodicamente as normas adotadas nos testes, pois são elas que apontam o perfil dos estudantes testados, é de extrema importância. Essa afirmativa se ampara em estudos que encontraram o Efeito Flynn - que se trata do aumento constante do índice de acerto médio da população - como condição que afeta as normas inicialmente construídas para os instrumentos utilizados para avaliar o Quociente de Inteligência.

Quando falamos em Testes precisamos nos ater à Avaliação Psicológica e ao fato de que esta passou a ser considerada através da Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº18/2019 como uma especialidade da psicologia e, portanto, tem seus métodos, técnicas e procedimentos notadamente reconhecidos no campo científico como parte do processo de diagnóstico, tratamento e também da construção de novas ferramentas que visam dar maior qualidade ao exercício do psicólogo (CFP, 2019).

O próprio CFP traz orientações sobre como o Avaliador de Psicologia deve se respaldar em sua prática, através da Resolução CFP nº09/2018, onde expõe em seu artigo 2º as fontes fundamentais e fontes complementares de informações aceitáveis nessa especialidade profissional (CFP, 2018).

Seguindo as orientações dadas pelo CFP (2007, p.9) compreendemos que a Avaliação Psicológica precisa minimamente se organizar nos seguintes passos:

-Levantamento dos objetivos da avaliação e particularidades do indivíduo ou grupo a ser avaliado. Tal processo permite a escolha dos instrumentos/estratégias mais adequados para a realização da avaliação psicológica;

-Coleta de informações pelos meios escolhidos (entrevistas, dinâmicas, observações e testes projetivos e/ou psicométricos, etc). É importante salientar que a integração dessas

informações devem ser suficientemente amplas para dar conta dos objetivos pretendidos pelo processo de avaliação. Não é recomendada a utilização de uma só técnica ou um só instrumento para a avaliação;

-Integração das informações e desenvolvimento das hipóteses iniciais. Diante destas, o psicólogo pode constatar a necessidade de utilizar outros instrumentos/estratégias de modo a refinar ou elaborar novas hipóteses;

-Indicação das respostas à situação que motivou o processo de avaliação e comunicação cuidadosa dos resultados, com atenção aos procedimentos éticos implícitos e considerando as eventuais limitações da avaliação. Nesse processo, os procedimentos variam de 10 acordo com o contexto e propósito da avaliação.

Neste sentido, concluímos que a Avaliação Psicológica é capaz de proporcionar ao profissional de psicologia e também a outros profissionais como no caso da educação os professores, o levantamento de hipóteses que visam compreender indivíduos e/ou grupos de pessoas através de suas características psicológicas. Essa compreensão é capaz de auxiliar na construção e ressignificação do indivíduo e seu meio ao longo de sua existência nos espaços sócio culturais onde se está inserido, o que pode proporcionar a busca por aperfeiçoamento das/e nas relações do homem em suas diferentes interações (CFP, 2007).

Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004) afirmam que os testes psicológicos e neuropsicológicos são exames, e como tal servem de apoio ao diagnóstico de diversos profissionais, como por exemplo fonoaudiólogos, neurologistas, psiquiatras, professores entre outros. Quando vemos a importância da avaliação psicológica sobre este viés, podemos conceber a ideia de que a psicologia enquanto profissão ganha seu lugar no campo da saúde mental como ciência capaz de avaliar diferentes construtos e orientar sua clientela para o melhor manejo de sua tratativa, considerando o passo a passo adotado pela categoria para validar os diagnósticos encontrados, sendo eles: a Anamnese; Aplicação de Testes; Levantamento dos Resultados dos Testes utilizados e a Devolução dos Resultados.

Considerando que a psicologia em sua atuação através da Avaliação Psicológica é capaz

de fornecer diagnósticos e intervir nas situações apresentadas, cabe a esta prática profissional também conceber a abertura e troca de conhecimentos com outros campos do saber científico, com ênfase neste trabalho aos professores das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que contam com o auxílio das equipes multidisciplinares tanto para diagnosticar quanto para realizar intervenções terapêuticas junto aos alunos em caráter individualizado, mas que podem contar também com ferramentas capazes de auxiliar no diagnóstico de aprendizagem como o Teste de Desempenho Escolar (Paula et al., 2006).

O TESTE DE DESEMPENHO ESCOLAR (TDE)

Usar ferramentas que possam medir o conhecimento sobre determinados assuntos no contexto escolar, tem sido uma das principais características do papel do educador. A avaliação ganhou espaço importante nesta prática profissional e atualmente tem sido objeto de estudo no que se refere a sua padronização, confiabilidade e validade para aquilo que se propõe mensurar. Knijnik, Giacomoni e Stein (2013) pesquisaram sobre publicações científicas que se propuseram a avaliar o uso do Teste de Desempenho Escolar, obras essas publicadas num período de 17 anos (1994 a 2011), destacam que mesmo diante de novas formas de avaliação adotadas pelo sistema de ensino brasileiro (Exame Nacional de Cursos-ENADE, Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, Prova Brasil, Sistema de Avaliação do Ensino Básico- SAEB) nas últimas décadas, o TDE vem sendo reconhecido como ferramenta relevante no campo da identificação de déficits de habilidades básicas de escrita, leitura e aritmética.

O TDE não é uma ferramenta mística, não busca de forma mágica apontar quem tem ou não tem Transtornos de Aprendizagem e/ou Dificuldades de Aprendizagem, sua proposta é a de “averiguar as habilidades nas quais a criança possa estar apresentando dificuldades” (Stein, 2016, p.10), para a partir dos resultados de sua aplicação avaliar de forma mais específica a área em que se apresentou a defasagem. Deste modo compreendemos o TDE como ferramenta a ser utilizada na fase diagnóstica e não de intervenção sobre Transtornos de Aprendizagem e Dificuldades de Aprendizagem (Lima Athayde et al., 2014).

Sendo o único teste validado e normatizado

para a população brasileira atualmente, ele é capaz de avaliar de forma ampla a aprendizagem, devendo ser aplicado de forma individual. O TDE é o agrupamento de conteúdos que visam avaliar as capacidades de consideração de palavras específicas separadas do contexto, escrita do nome próprio e de palavras contextualizadas e a solução oral de problemas matemáticos e cálculos de operações por escrito (Knijnik, Giacomoni e Stein, 2013). Cabe salientar que o instrumento aqui utilizado e objeto deste trabalho trata-se da primeira versão do Teste de Desempenho Escolar disponível a época de sua aplicação, sendo que uma nova versão do produto está disponível no mercado, porém não foi utilizada atualmente por este pesquisador.

Em estudos como os de Silva Lúcio e Vieira Pinheiro (2014) e Lúcio, Pinheiro e Nascimento (2009), os mesmos apontaram a necessidade de revisão psicométrica do TDE, pois em seus achados foi encontrado o efeito de teto, que é a condição de não distinguir um indivíduo mais capaz de realizar determinada tarefa em detrimentos de outros, isso indica a prevalência de níveis fáceis de respostas para quaisquer grupos de pessoas pesquisadas. Tal critério apontado, sugere que o subteste de leitura quando aplicado, não consegue apresentar fidedignidade completa para o que se propõe a medir.

Quanto ao perfil da amostra dos estudos encontrados, apontamos que houveram trabalhos divergentes nas regiões do Brasil onde o TDE foi aplicado para fins de estudo, Knijnik et al. (2013) cita que o trabalho de F.L. Ferreira et al. (2012) sugerem em sua pesquisa a necessidade de adequar as normas do instrumento para a realidade de cada região do país, uma vez que a qualidade do ensino em cada uma delas se difere e isso consequentemente impactará no resultado final das amostras, enquanto que para os primeiros autores essa variável não se apresentou em estudos anteriores analisados por estes. O que se ressalta nesta divergência são as metodologias utilizadas pelos autores para explicar o fenômeno estudado. O que nos sugere que nesta pesquisa é possível que se encontre este mesmo viés na amostra que apresentaremos mais adiante.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada no município de Alto Alegre, localizado a 94km da capital Boa Vista, no estado de Roraima. A aplicação do

instrumento psicopedagógico denominado Teste de Desempenho Escolar ocorreu no ano de 2017, sob o consentimento dos pais e/ou responsáveis pelos respectivos estudantes da rede estadual de ensino localizada naquele município.

A aplicação do TDE surgiu de uma demanda da atuação profissional do psicólogo e, portanto, atende à Resolução nº510 de 07 de abril de 2016, item XVII, publicada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS). Participaram da pesquisa quatro estudantes regularmente matriculados em uma escola da rede pública de ensino, sendo dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 11 e 13 anos, matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental. O teste apresenta conteúdos na modalidade escrita, aritmética e leitura, propondo uma classificação dos estudantes em superior, médio e inferior para sua idade/série, tal resultado serve como indicador de intervenção pedagógica para a busca de otimizar os métodos utilizados no ambiente escolar para a aprendizagem destes mesmos estudantes.

A aplicação ocorreu em ambiente com iluminação, ruídos e acomodações controlados a fim de não haver interferências significativas nos resultados, o que inclui a precaução de eliminação de interrupções durante sua aplicação. A duração da aplicação do TDE variou de 20 a 40 minutos. Este instrumento propõe avaliar a capacidade de codificação e decodificação do aluno quanto ao seu nível de aprendizagem em conformidade a sua faixa etária/ série escolar (Stein, 2016).

O primeiro contato se deu com os pais dos estudantes, onde foi realizada uma entrevista aberta para conhecer a realidade na qual os estudantes estavam inseridos, pois o padrão cultural adotado pode ter relação direta com o fenômeno estudado (Colby, 1996), na oportunidade foi solicitado que os pais autorizassem a aplicação do teste assinando no campo destinado a autorização na capa do caderno de aplicação dos subtestes do TDE, para que os resultados encontrados pudessem ser utilizados para fins de pesquisa. Em seguida, os estudantes foram encaminhados de forma individual para ambiente controlado conforme as especificações já descritas no capítulo anterior deste trabalho e que também fazem parte do manual de aplicação do teste.

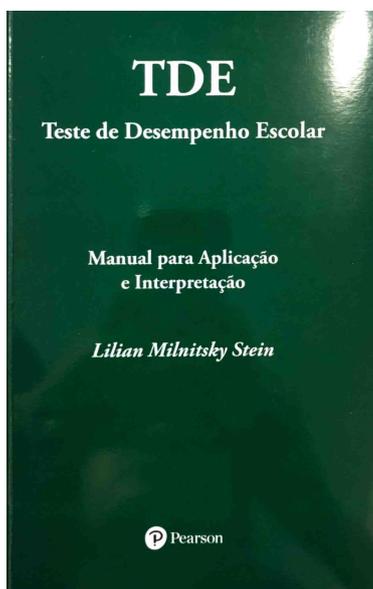
Do ponto de vista de sua natureza esta pesquisa foi uma pesquisa qualitativa pois

pretendeu utilizar os dados coletados para gerar conhecimentos novos e úteis sobre uma determinada realidade. De acordo com o objetivo de pesquisa tratou-se de uma pesquisa descritiva, onde o pesquisador se propôs a registrar e descrever fenômenos encontrados (Prodanov e Freitas, 2013).

Quanto aos procedimentos utilizados é mister destacar que este trabalho se utilizou de pesquisas bibliográficas tais como livros, teses, dissertações e artigos para amparar suas hipóteses bem como trazer credibilidade aos seus achados. Apresentou ainda características de pesquisa participante, pois, o uso de instrumento para se chegar aos dados requereu cooperação entre pesquisador e pesquisado, exigindo uma relação direta entre as partes, que buscaram coletivamente a resolução de um problema, que no caso em tela trata-se de identificar se os estudantes possuem transtornos de aprendizagem (Prodanov e Freitas, 2013).

O TDE é uma obra produzida e disponibilizada no mercado para aquisição, desta forma sua obtenção deve ser feita através de empresas que possuem autorização para sua comercialização. Para adquiri-lo você pode realizar uma busca na internet para escolher em qual site comprar. Alguns sites na internet trazem em seu corpo informações sobre os componentes e aplicações do TDE, além de apresentarem uma cópia do próprio teste².

Figura 1: Capa do Manual de Aplicação e Interpretação do TDE.



Fonte: Stein, 2016

Nesta pesquisa foram utilizados todos os subtestes que compõem o TDE (Escrita, Aritmética e Leitura aplicados exatamente nesta ordem), bem como sua aplicação foi realizada conforme o Manual de Instrução que acompanha o mesmo (ver figuras 1 e 2). Isto infere dizer que o subteste de Escrita é composto por 34 (trinta e quatro) palavras isoladas e que são apresentadas ao examinado em forma de ditado, além de iniciar a aplicação do subteste com a escrita do nome próprio. No subteste de Aritmética a sua aplicação inicia-se com a solução de três problemas matemáticos de forma oral para que a partir daí o examinado inicie a resolução dos próximos cálculos de forma escrita. E por fim o subteste de Leitura que é composto por um total de 70 palavras que deverão ser lidas pelo examinado e que deverão ser anotadas pelo examinador em local apropriado se a leitura destas estão corretas ou não, além de crivos de correção para cada subteste.

Ressalta-se que cada item que compõem cada subteste é apresentado em uma escala crescente de dificuldade, e que a aplicação do subteste é interrompida pelo aplicador sempre que o examinado não consegue resolver os itens apresentados, sendo direcionado para o subteste seguinte se for o caso (Stein, 2016). A ressalva que se faz neste trabalho é a de que o TDE foi elaborado antes das alterações curriculares do Ensino Fundamental, que passou a contar com o 9º ano, bem como da mudança de nomenclatura de série para ano (que atualmente corresponderia do

Figura 2: Caderno de Aplicação do TDE.

Resultados	Score Bruto (EB)	Classificação	Previsão Score Bruto (EB) a partir da idade
Escrita	_____	_____	_____
Aritmética	_____	_____	_____
Leitura	_____	_____	_____
Total (EBT)	_____	_____	_____

Fonte: Stein, 2016

² Blog da Psiqueasy (<https://blog.psiqueasy.com.br/2017/09/14/teste-de-desempenho-escolar/>)

2º ao 7º ano do Ensino Fundamental), este trabalho por sua vez também foi realizado antes das referidas alterações, o que alinha com as especificações contidas no Manual de Aplicação e Interpretação do TDE.

Aos estudantes foi explicado que iriam fazer um exercício muito parecido com o que já é feito em sala de aula, e que algumas questões poderiam ser mais fáceis e outras mais difíceis para responder, mas o importante é que ele (o estudante) fizesse o melhor que pudesse para tentar responder corretamente cada questão e que o aplicador estaria presente para auxiliar durante a aplicação dos exercícios. Ao final da aplicação do TDE, os estudantes foram dispensados para que o aplicador realizasse a correção dos testes respondidos, atribuindo valores/notas conforme os crivos de correção que compõem o teste de desempenho.

O manual apresenta em seu capítulo cinco como os dados normativos utilizados para validação deste material obedeceram aos critérios estatísticos através da média dos Escores Brutos encontrados bem como o cálculo do Desvio Padrão, que foram utilizados para formular as tabelas com as amostras por série e idade cronológica dos sujeitos da pesquisa. No quesito normas para séries, foi considerada a apresentação de distribuição não-gaussiana para definir a distribuição dos estudantes em Inferior, Médio e Superior como classificação da aprendizagem dos mesmos, ou seja, os resultados dos estudantes em seus respectivos subtestes foram classificados em Inferior, Médio ou Superior conforme o Escore Bruto que cada um apresentou, incluindo-se aí o cálculo da média desses mesmos Escores Bruto encontrados no número total de estudantes avaliados conforme sua idade e série na pesquisa de validação do material.

Considerando que o TDE já foi validado e que por tanto existe uma fidedignidade em sua forma de avaliar e classificar os sujeitos submetidos a sua aplicação, no capítulo três do manual encontramos a forma correta de avaliar e interpretar os resultados obtidos com a aplicação do teste. Apresentamos os resultados obtidos com a aplicação do TDE dispostos em tabelas conforme o próprio modelo de aplicação do teste, a classificação obedece ao Manual de Aplicação e Correção que acompanha os subtestes. Cada item que compõe o TDE possui valor de um ponto para cada resposta correta, assim no subteste de Escrita o Escore Bruto máximo é de: 35 pontos; no

subteste de Aritmética o Escore Bruto máximo é de 38 pontos; e no subteste de Leitura o Escore Bruto máximo é de 70 pontos; a soma de todos esses escores é denominada de Escore Bruto Total (EBT) permitindo uma pontuação máxima de 143 pontos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins de orientação e comparação dos resultados encontrados neste trabalho, apresentamos abaixo o Quadro 1 que apresenta a classificação adotada pela autora do Teste de Desempenho Escolar (TDE) a partir dos Escores Brutos da 6ª série, utilizada para correlacionar o nível de aprendizagem dos estudantes participantes deste trabalho.

Quadro 1: Classificação a partir dos Escores Brutos (6ª série).

Escore Bruto	Escrita	Aritmética	Leitura	Total (EBT)
Classificação				
Superior	≥34	≥28	≥69	≥131
Médio	31-33	24-27	66-68	123-130
Inferior	≤30	≤23	≤65	≤122

Fonte: Stein, 2016

Nos achados da pesquisa deste trabalho, foram realizadas as aplicações do TDE e os resultados de cada subteste foram colocados nos quadros abaixo, usando o modelo adotado pela autora do teste conforme exposto acima, para fins de comparação e análise. Nos resultados obtidos da aplicação do TDE junto ao estudante 1 temos organizados os pontos obtidos em cada subteste com seu Escore Bruto calculado considerando a série em que estuda, sua respectiva classificação considera a pontuação obtida de acordo com seu nível de desempenho esperado para sua série. Desta maneira pode-se inferir que o aluno 1 possui desempenho dentro da média no campo da leitura apresentando as habilidades de decodificação e de compreensão das palavras, mas inferior nos campos da escrita e aritmética (Lima, 2016). No quesito desempenho no teste como um todo, encontramos que o estudante 1 ficou situado numa classificação inferior ao esperado para sua série conforme o cálculo do seu Escore Bruto Total (EBT). Quando se analisa a idade deste aluno e busca-se fazer uma previsão dos escores brutos para cada subteste utilizando-se a tabela 8 do Manual de Aplicação e Interpretação (Stein, 2016, p.26) é possível estimar que os campos da escrita e da aritmética são onde o aluno apresenta dificuldades de aprendizagem que precisam ser avaliadas de modo mais específico, uma opção é

avaliar o aluno sob a ótica dos modelos dupla-rotas para identificar em que nível do processamento lexical ou fonêmico o sujeito apresenta limitação a ser superada, considerando sua dificuldade de interpretar e compreender o significado das palavras apresentadas no subteste de escrita bem como seu nível de aprendizagem em aritmética precisa ser revisado para a realização de atividades

Quadro 2: Estudante 1 (11 anos).

Resultados	Escore Bruto (EB)	Classificação	Previsão Escore Bruto (EB) a partir da idade
Escrita	26	Inferior	28
Aritmética	15	Inferior	20
Leitura	66	Média	66
Total (EBT)	107	Inferior	115

Fonte: Dados colhidos pelos autores, utilizando o TDE.

de suporte (Lima, 2016).

No quadro três identificamos que o estudante dois apresentou escores brutos menores que os adequados para sua série/idade, indicando haver uma defasagem em sua aprendizagem, o que poderá resultar em processos de ensino e aprendizagem negativos a longo prazo, se não

Quadro 3: Estudante 2 (11 anos).

Resultados	Escore Bruto (EB)	Classificação	Previsão Escore Bruto (EB) a partir da idade
Escrita	08	Inferior	28
Aritmética	11	Inferior	20
Leitura	59	Inferior	66
Total (EBT)	78	Inferior	115

Fonte: Dados colhidos pelos autores, utilizando o TDE.

houver intervenção pedagógica nos três campos onde o mesmo apresenta dificuldade.

No quadro quatro também é possível inferir

Quadro 4: Estudante 3 (12 anos).

Resultados	Escore Bruto (EB)	Classificação	Previsão Escore Bruto (EB) a partir da idade
Escrita	08	Inferior	28
Aritmética	11	Inferior	20
Leitura	59	Inferior	66
Total (EBT)	78	Inferior	115

Fonte: Dados colhidos pelos autores, utilizando o TDE.

que assim como o estudante do quadro três, este também apresenta classificação inferior nos três campos de aprendizagem avaliado.

No quadro cinco, assim como nos dois anteriores, também é possível constatar que os resultados obtidos com a aplicação do TDE, possui classificação inferior nos três campos de

Quadro 5: Estudante 4 (13 anos).

Resultados	Escore Bruto (EB)	Classificação	Previsão Escore Bruto (EB) a partir da idade
Escrita	08	Inferior	28
Aritmética	11	Inferior	20
Leitura	59	Inferior	66
Total (EBT)	78	Inferior	115

Fonte: Dados colhidos pelos autores, utilizando o TDE.

aprendizagem avaliado.

Tais resultados demonstram de modo geral, que os conhecimentos apresentados pelos estudantes possuem pontos inferiores ao mínimo necessário para sua série/idade conforme apontado no Manual de Interpretação dos resultados do TDE, e demonstrado nas tabelas que apresentam o Escore Bruto (EB) e na linha que informa o Escore Bruto Total (EBT) de cada aluno. Correspondem ainda a uma classificação que segundo Stein (2016) são mais comumente apresentadas em estudantes do 2º, 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental respectivamente, características neuropsicológicas não estão claras quando da aplicação e correção do TDE, não foi possível estabelecer de forma explícita quais funções psíquicas são avaliadas pela ferramenta. Devendo ser considerado em projeto de intervenção psicopedagógico da escola onde está inserido, bem como de ser atendido por equipe interdisciplinar a saber fonoaudiólogo, neuropsicólogo, psicopedagogo, psiquiatra e neuropediatra.

Do ponto de vista neuropsicológico podemos inferir que a memória, o pensamento e a linguagem são as funções que mais se destacam na ação de realização das atividades do TDE. E quando consideramos estas funções, concluímos que enquanto avaliadores a ferramenta será capaz de indicar tão somente a qual campo do conhecimento formal esse estudante necessita de maiores intervenções. Não podemos descartar nenhum dos resultados encontrados nesta aplicação, pois em todos os subtestes os examinados apresentaram escores abaixo do esperado. O que podemos então decidir é que a partir destes resultados pode-se atribuir uma classificação geral, onde vamos apontar a área com maior defasagem de conhecimento e seguir dela para a escolha das intervenções neuropsicológicas e pedagógicas.

Tendo o subteste de aritmética apresentado o menor resultado, atribuímos a este o primeiro lugar para realizar uma maior e melhor avaliação através de outros testes psicológicos pois é a área

com a maior defasagem cognitiva, em segundo lugar ficaram os resultados do subteste de escrita e em terceiro os de leitura.

O uso do TDE neste estudo indica a necessidade de maior pesquisa sobre as principais causas do mau desempenho escolar exibido. Aqui infere-se a possibilidade de um conjunto diversificado de situações interferirem diretamente na aprendizagem destes estudantes, tendo em vista a localidade em que residem, o acesso à educação, problemas de natureza social, questões de fundo biopsicossocial que podem afetar seus processos cognitivos.

Através do olhar da teoria sócioconstrutivista, educar e aprender são fenômenos biopsicossocial capazes de associar corpo e espírito em todas as dimensões do viver humano, pois aprender requer ser coerente nas emoções, e as emoções serão resultados da convivência entre indivíduos, de espécies diferentes (Ghedin, 2017). Este pensamento apresentado por Ghedin (2017) corrobora com o de Funayama (2008) quando esta explana sobre as dificuldades de aprendizagem e as crenças e autopercepções que as crianças findam por construir sobre si mesmas quando estão diante destes obstáculos, ora podem ser percepções positivas como autoestima e a motivação, ora podem ser negativas como o sentimento de desamparo e baixa estima.

Campos (2014) e Funayama (2008) retratam o início da aprendizagem como algo que ocorre antes mesmo do nascimento e este processo permanece no decorrer da vida de cada indivíduo, tais aprendizagens se mostram necessárias para a sobrevivência do homem no meio em que estiver inserido. Logo o desempenho escolar da criança refletirá de forma contundente sua percepção sobre si mesmo e as habilidades que possui, caso suas crenças de que o material que vão manipular são difíceis em demasia, estarão mais vulneráveis a apresentar baixo desempenho escolar.

O TDE é identificado em artigos científicos como ferramenta desbravadora no campo da educação brasileira (Knijnik et al., 2014; Knijnik et al., 2013; Lima Athayde et al., 2014), sendo apontada como capaz de auxiliar em processos diagnósticos de aprendizagem, e apesar de haverem estudos sobre sua utilização, é visível que ela ainda não está presente na prática de um número significativo de profissionais que atuam na

educação, mais especificamente na realidade do município de Alto Alegre.

Essa barreira no que diz respeito ao acesso a ferramentas para uso na área educacional apontam para deduções que vão desde o baixo poder aquisitivo dos educadores para aquisição de materiais em caráter particular e de uso individual, passando por desconhecimento da existência do Teste de Desempenho Escolar, e chegando até mesmo a indisponibilidade de capacitação dos professores através da Formação Continuada, que apesar de previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 dificilmente chega na realidade daqueles educadores que atuam distantes das grandes cidades.

Esta pesquisa aponta para a necessidade de educadores se atualizarem quanto ao perfil de alunos com baixo desempenho escolar, que podem ter Transtornos de Aprendizagem e que por muitas vezes são apontados como problemáticos em sala de aula, além de se apropriarem de ferramentas que visam otimizar sua atuação em sala de aula, ampliando sua capacidade. Essa apropriação passa pelo desenvolvimento de habilidades na prática profissional, através da formação qualitativa de professores tanto na graduação quanto na formação continuada dos mesmos, independentemente da sua formação acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que enxergamos nos resultados desta pesquisa é que o uso do Teste de Desempenho Escolar apesar de ser promissor não é eficaz no diagnóstico de Transtornos de Aprendizagem Específicos, e mesmo diante da façanha de se ter a disposição uma ferramenta que apresenta resultados confiáveis, sua aplicação na neuropsicologia se limita a uma pequena parte do processo diagnóstico que poderá ser adotado na prática deste profissional, mas que ganha maior relevância se estiver sendo aplicado no espaço escolar, por possuir padronização nacionalmente aceita.

A vantagem de disponibilizar esta ferramenta para educadores e mais especificamente aos professores do ensino regular é a otimização do tempo que estes dedicam a avaliar seus estudantes e encaminhá-los para os serviços de atendimento especializado existentes dentro e fora do espaço escolar. Salienta-se aqui as salas de Atendimento Educacional Especializado

(AEE) regulamentada por Decreto nº6.571 de 18 de setembro de 2008, existentes nas escolas, que possuem em seu escopo atender a demandas da Educação Especial.

O uso de pontos de corte para categorizar pessoas com e sem Transtornos de Aprendizagem se torna um problema quando analisamos a técnica sob a ótica da teoria socioconstrutivista, a relação do sujeito com seu professor, além do ambiente em que estes mesmos atores estão inseridos, devem ser considerados na qualidade da aprendizagem que o aluno finda por apresentar. Esta posição ocorre porque hoje nos damos conta de que a ciência buscou por muito tempo a medida exata das coisas, e passamos a perceber cada vez mais a necessidade de buscar entender a dinamicidade da vida humana e sua complexidade.

Fica claro que a utilização de escores que de fato não conseguem capturar a capacidade plena de um estudante num determinado momento de sua vida, a respeito de suas dificuldades de aprendizagem, representam por si só estabelecer um limite com o qual a própria ciência vem tentando desconstruir socialmente. Reforçamos que a contribuição das pesquisas sobre cognição nos mostra que a situação da avaliação realizada nos processos diagnósticos é de caráter temporário e não definitivo e invariável.

Podemos verificar que de acordo com o TDE aplicado neste estudo os estudantes observados possuem Escore Bruto Total inferior ao que é exigido para a série/ano em que estão matriculados quando considerando cada subteste conforme demonstrado nas tabelas acima, quando considerados esses resultados na etapa diagnóstica faz-se necessário a elaboração de hipóteses de possíveis situações que justifiquem o mau desempenho escolar dos pesquisados, a literatura aponta como possíveis causas as relações familiares, as condições sociais, econômicas, ambientais, biológicas e psicológicas como principais fatores que influenciam de forma direta o desempenho escolar de dicentes, partimos então desse pressuposto para entender o porque dos resultados encontrados (Siqueira e Dell'aglio, 2010; Parente, 2009).

A pesquisa também apontou indícios de que as condições sociais, econômicas e emocionais são fatores que influenciaram no desempenho demonstrado no resultado do TDE. Em entrevista aberta foi possível estabelecer um perfil

sóciodemográfico dos estudantes: todos (os estudantes) residem em área rural e estudam na sede do município, todos possuem pais (pai e mãe) presentes em sua composição familiar, do total de estudantes entrevistados apenas um possui pais com vínculo empregatício público, os demais possuem como fonte de renda benefícios concedidos pelo governo e realizam atividades remuneradas por diárias. O acesso à escola se dá por uma vicinal principal que passa próximo à residência dos estudantes, todos os estudantes utilizam transporte escolar para se locomoverem até a escola.

Apenas quatro pais dos estudantes entrevistados possuem formação completa na educação básica, os demais apenas fundamental incompleto. Dois estudantes alegam que os pais ajudam nas tarefas escolares em casa, e os outros dois afirmam que seus pais não conseguem auxiliar nesse tipo de atividade pedagógica. Ainda que a metade dos estudantes entrevistados afirmem que seus pais não consigam auxiliá-los nas atividades escolares, estes expõem que contam com a ajuda de colegas de sala para realizarem os trabalhos solicitados por seus professores. Levantamentos como os de Funayama (2008) e Cia, Pamplin e Williams (2008) apontam que a atmosfera emocional familiar influencia no desenvolvimento positivo da criança, incluindo a participação de ambos os pais na educação dos filhos, reduzindo a manifestação de transtornos emocionais e de comportamentos indesejados na infância e é essa atmosfera emocional que alavancará o desenvolvimento cognitivo da criança, pois o desempenho escolar destes tem relação direta com esta dimensão de aprendizagem.

No trabalho em questão temos a dificuldade dos próprios pais em participarem efetivamente da construção do saber científico apresentado na escola, o que nos mostra uma realidade diferente daquela que a literatura aponta como a ideal, esse achado reforça a necessidade de profissionais técnicos científicos se aproximarem cada vez mais da realidade de vida que encontramos na prática, para reduzir essas diferenças.

Quando questionados aos estudantes se estes se sentiam satisfeitos com o que estavam a aprender na escola, três disseram que sim, e um afirmou que gostaria que as aulas fossem mais dinâmicas. Quando questionados sobre seu relacionamento com os professores, gestores e colegas de sala todos afirmaram que não possuem

problemas pessoais com os mesmos, mas dois afirmaram sentirem-se envergonhados em pedir ajuda nas atividades pedagógicas quando precisam.

Através dos resultados obtidos na pesquisa pode-se inferir que as condições socioeconômicas podem ser fatores desencadeadores das limitações na linguagem construída pelos estudantes. A maneira como esses estudantes se relacionam emocionalmente com seus responsáveis, com seus colegas e professores, apesar de não estar evidente na pesquisa, sugerem que podem afetar a forma como estes mesmos estudantes se relacionam com o mundo.

A família da criança que recebe o diagnóstico e antes mesmo disso, quando recebem a orientação de buscarem ajuda especializada, podem por vezes afastar-se dessa busca, levando-os a negarem as dificuldades psiquiátricas dos filhos, levando-os a crerem por vezes erroneamente que se trata de algo normal e que vai desaparecer com o tempo. Não é incomum que esse pensamento mude quando o cenário que se apresenta diante das famílias é o de reprovação escolar ou até mesmo punições recorrentes no ambiente escolar.

Quando situações como esta se apresentam diante dos profissionais de psicologia cabe a estes juntamente com os pais e os demais profissionais terapêuticos (pedagogos, fonoaudiólogos, psiquiatras, neurologistas, etc.) a criarem uma rede de apoio para orientar a criança, a sua família e a comunidade na qual esta está inserida, ampliando o acesso a informações bem como o acesso aos profissionais que comumente atuam neste campo, pois desta forma a atuação interdisciplinar (apesar de ainda vermos na literatura atual a menção do tratamento multidisciplinar) tão pregada atualmente, efetivamente se consolidará. Outra sugestão dada nos estudos de Funayama (2008) é a de criação de espaços individuais e grupais para sessões entre pais e professores que podem ser mediadas por um facilitador, tal proposta tem o objetivo de estimular os pais e professores a revisarem suas realidades e encorajarem na busca de métodos e técnicas mais efetivas em sua própria realidade.

Um apontamento que se faz necessário aqui é o de que no território do município de Alto Alegre-RR, nem todos os profissionais citados neste artigo estão disponíveis ou possuem

conhecimento adequado sobre a ferramenta aqui estudada, o município conta com um número pequeno de profissionais que periodicamente prestam seus serviços à população, o que por si só gera um obstáculo para a construção da rede de apoio supramencionada dada a necessidade da população e das características da realidade local, que se mostra limitada quanto ao acesso a algumas vilas, vicinais e comunidades indígenas bem como a meios de comunicação em massa de baixa qualidade (internet, rede de telefonia móvel, estradas, e afins).

Também foi possível perceber que o tema levantado possui relevância nas questões humanas, esclarecendo que as ações humanas são precedidas de uma aprendizagem que requer expressões emocionais desencadeadas cognitivamente. As considerações que tratam da validade do saber comum e do científico estão ganhando maior notoriedade entre cientistas e pesquisadores à medida em que vão entendendo que a mente humana se modifica, se adapta, como também transforma o próprio meio, seja através de suas relações com outros seres, com o meio ambiente e até consigo mesmo. Aceitar que todos podem construir o conhecimento é deixar as verdades deterministas dos séculos anteriores fazerem parte da história, mas não as acolher como a história absolutista. Muitos epistemólogos consideram que existam divisões necessárias para classificar o processo de conhecimento, mas também consideram que todas essas classificações apenas servem para orientar o observador e sua própria observação.

Ao pesquisador cabe a difícil tarefa de entender as particularidades de cada fenômeno a ser estudado, considerando também as necessidades da realidade que os cerca, seja enquanto aluno, ou enquanto professor, a aprendizagem se apresentará com tantas variáveis e diversidades que se torna extraordinária a própria capacidade humana de adentrar a este universo ainda tão pouco desbravado chamado conhecimento.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, D.M. de S. **Psicologia da Aprendizagem**. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CAPELLINI, Simone Aparecida; TONELOTTO, Josiane Maria de Freitas; CIASCA, Sylvia Maria. Medidas de Desempenho Escolar: avaliação formal e opinião de professores. **Rev. Estudos de**

Psicologia, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 79-90, maio/agosto, 2004.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; GUTSCHOW, Claudia Regina Danelon; CAPOVILLA, Fernando César. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.6, n.2, p. 13-26, 2004.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Censo da Educação Básica 2019: Resumo Técnico. Brasília, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução Nº 18, de 5 De Setembro De 2019**. Disponível em: < <http://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-18-de-5-de-setembro-de-2019-216322849> > Acesso em 08 de Janeiro de 2020.

_____. **Resolução Nº 9, de 25 De Abril De 2018**. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf> > Acesso em: 08 de Janeiro de 2020.

_____. **Cartilha Sobre Avaliação Psicológica**. Junho de 2007. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Cartilha-Avalia%C3%A7%C3%A3o-Psicol%C3%B3gica.pdf> > Acesso em: 08 de Janeiro de 2020.

CIA, Fabiana; PAMPLIN, Renata Cristhian de Oliveira; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. O Impacto Do Envolvimento Parental No Desempenho Acadêmico De Crianças Escolares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 351-360, abr./jun. 2008.

CUNHA, Vera Lúcia Orlandi; CAPELLINI, Simone Aparecida. Habilidades Metalinguísticas No Processo De Alfabetização De Escolares Com Transtornos De Aprendizagem. **Rev. Psicopedagogia**, v.28 n.85, p.85-96, 2011.

GHEDIN, E. (Org.). **O Ensino de Ciências e suas epistemologias**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

LIMA, Melina. **Desempenho Em Leitura De Crianças De 4º Ano Do Ensino Fundamental:**

fatores neuropsicológicos e ambientais.

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Junho, 2016.

LIMA ATHAYDE, Marcia. et al. Evidências de validade do subteste de leitura do teste de desempenho escolar **Psicologia: Teoria e Prática**. **Universidade Presbiteriana Mackenzie** São Paulo, Brasil. v. 16, n. 2, p. 131-140, mayo-agosto, 2014.

FLETCHER, Jack M.; LYONS, G. Reid; FUCHS, Lynn S.; Barnes, Marcia A. **Transtornos de Aprendizagem: da identificação À intervenção**. (Trad.) Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNAYAMA, Carolina Araújo (Org.). **Problemas de Aprendizagem: enfoque multidisciplinar**. 2.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

KNIJNIK, L. F.; GIACOMONI, C. H.; ZANON, C.; STEIN, L. M. Avaliação dos Subtestes de Leitura e Escrita do Teste de Desempenho Escolar através da Teoria de Resposta ao Item. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.27, n.3, p. 481-490, 2014.

KNIJNIK, Luiza Feijó; GIACOMONI, Claudia; STEIN, Lilian Milnitsky. Teste de Desempenho Escolar: um estudo de levantamento. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 3, p. 407-416, set/dez, 2013.

KNIJNIK, Luiza Feijó. et al. Avaliação dos Subtestes de Leitura e Escrita do Teste de Desempenho Escolar através da Teoria de Resposta ao Item. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 3, p.481-490, 2013.

LÚCIO, P. S., PINHEIRO, A. M. V.; NASCIMENTO, E. O impacto da mudança no critério de acerto na distribuição dos escores do subteste de leitura do Teste de Desempenho Escolar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.14, n.3, p. 593-601, 2009.

LURIA, A.R. **Higher Cortical Functions in Man**. 2.ed. New York: Basic Books, 1980.

PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta; et al. Evidências Do Papel Da Escolaridade Na Organização Cerebral. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, Sociedad Latinoamericana de

- Neuropsicología Québec, Canadá, vol. 1, n. 1, p. 72-80, 2009.
- PAULA, Giovana Romero; et al. Neuropsicologia da Aprendizagem. **Rev Psicopedagogia**, v. 23, n.72, p.224-31, 2006.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar**. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2016.
- ROTTA, Newra Tellechea; PEDROSO, F. S. Transtornos da linguagem escrita dislexia. In N. T. Rotta, L. Ohlweiler & R. S. Riesgo (Orgs.). **Transtornos da aprendizagem – abordagem neurobiológica e multidisciplinar**,). Porto Alegre: Artmed, p. 151 164, 2006.
- SILVA LÚCIO, Patrícia; VIEIRA PINHEIRO, Ângela Maria. Novos Estudos Psicométricos para o Subteste de Leitura do Teste de Desempenho Escolar. **Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia Ribeirão Preto, Brasil, v. 22, n. 1, abril, p. 109-119, 2014.
- SILVA, Cláudia Da; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho de escolares com e sem transtorno de aprendizagem em leitura, escrita, consciência fonológica, velocidade de processamento e memória de trabalho fonológica. **Revista Psicopedagogia**. Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 30, n. 91, p. 3-11, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/117869>>.
- SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26 n. 3, p. 407-415, Jul-Set, 2010.
- STEIN, L.M. TDE: **Teste de Desempenho Escolar: manual para aplicação e interpretação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.
- VYGOTSKY, Liev Semionovich. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZORZI, Jaime Luiz; CIASCA, Sylvia Maria. Caracterização dos Erros Ortográficos em Crianças com Transtornos de Aprendizagem. **Rev CEFAC**, São Paulo, v.10, n.3, p. 321-331, jul-set, 2008.
- ZORZI, Jaime Luiz. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. In Maluf, M.I. (org.). **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: ABPp, 2006, 144-162.